

O OBJETO NULO NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Ana Lúcia Barros Leôncio*

Resumo

No presente trabalho, apresentamos a análise da ocorrência do objeto nulo em sentenças de crianças com até cinco anos e onze meses de idade, levando em consideração a animacidade e a especificidade dos seus antecedentes. Concluímos que há ocorrência do objeto nulo em situações nas quais o antecedente apresenta menor animacidade, conforme comprovam nossos dados. Nossas investigações têm como embasamento os pressupostos da Teoria Gerativa e as pesquisas realizadas por linguistas brasileiros que estudam a produção de objetos nulo' no Português do Brasil, especialmente Casagrande (2012), Cyrino (1994; 1999; 2000; 2002; 2016) e Lopes (2003; 2005; 2007; 2010; 2012).

Palavras-chave: Objeto nulo. Animacidade. Especificidade.

THE NULL OBJECT IN THE ACQUISITION OF THE LANGUAGE

Abstract

In this paper, we present the analysis of the occurrence of the null object in sentences of children from zero to five years and eleven months, taking into account the specificity of their antecedents. We conclude by the occurrence of the null object in situations in which the antecedent presents less animacy, according to our data. Our studies are based on the assumptions of Chomsky's Generative Theory and the research done by Brazilian linguists who study the production of null objects in Brazilian Portuguese, especially Casagrande (2012), Cyrino (1993, 1999, 2000, 2002, 2016) and Lopes (2003, 2005, 2007, 2010, 2012).

Keywords: Null object. Animation. Specificity.

Recebido em: 30/10/2018 Aceito em: 21/11/2018

^{*}Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Esta pesquisa obteve financiamento do CNPq.



1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, propomos uma discussão dos dados obtidos na pesquisa realizada no período de 2016 a 2017, na qual analisamos a ocorrência do objeto nulo na produção de sentenças por crianças de zero a cinco anos e onze meses. À luz da Teoria Gerativa, trabalhamos com os Princípios e Parâmetros de uma língua, assumindo a condição do objeto nulo no Português do Brasil como um Parâmetro a ser fixado pelas crianças. Dessa forma, levamos em conta as pesquisas realizadas por outros estudiosos nesse assunto, com especial atenção para Casagrande (2012), Cyrino (1994; 1999; 2000; 2002; 2016) e Lopes (2003; 2005; 2007; 2010; 2012).

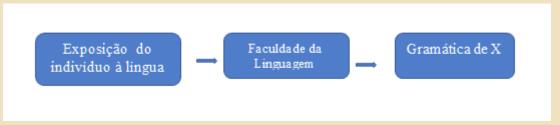
Lembramos que os gerativistas buscam explicar a aquisição e o processamento da estrutura das línguas pela mente humana. Entre os postulados desses linguistas, estão o inatismo e a universalidade, como características da capacidade de aprender uma língua.

Organizamos o presente trabalho em seis seções. Na primeira, trazemos os conceitos básicos da aquisição da linguagem, segundo a Teoria Gerativa. Na segunda seção, fazemos um breve histórico dos estudos sobre o constituinte objeto, principalmente sobre o objeto nulo no Brasil, bem como os conceitos de animacidade e especificidade. Na terceira, descrevemos a metodologia utilizada. Na quarta, apresentamos a análise dos nossos dados. E dedicamos a última seção às nossas considerações finais.

2 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SEGUNDO A TEORIA GERATIVA

E fato que todas as crianças adquirem pelo menos uma língua em um curto espaço de tempo e isso instiga pesquisadores, uma vez que não é necessário um ensino sistematizado e não há dispêndio de esforço por parte das crianças na realização dessa tarefa. O gerativismo busca a descrição da língua identificando a universalidade, as regularidades e as semelhanças, competindo ao linguista estudar a Língua-I (língua mental) cujo foco é a Competência. A Competência pode ser entendida como a capacidade de um falante que, ao ser exposto a qualquer língua, ainda na infância, pode interpretá-la, organizando suas estruturas sintáticas. O processo de aquisição da gramática de uma língua pode ser visto na forma do esquema na figura 1 a seguir:

Figura 1: Processo de aquisição da gramática de uma língua



Fonte: Xavier; Morato (2014, p. 17).

Citamos os exemplos de Grolla e Silva (2014, p.36) a seguir, a título de ilustrar como se dá a exposição das crianças aos estímulos de uma língua (a Gramática Universal, considerada como estágio inicial). A partir desses estímulos, a Faculdade da Linguagem é acionada por meio dos



Parâmetros de uma língua, para que haja a aquisição de sujeito ou de objeto nulo, chegando à Gramática do falante.

- (a) "João disse que ele viajou no feriado"
- (b) "João disse que [Ø] viajou no feriado"

zObservamos que (a) e (b) distinguem-se pela substituição, no primeiro caso, do nome "João" pelo pronome lexical "ele" e, no segundo, pela não realização fonética do referente. Para avançar no entendimento da aquisição da linguagem, segundo a Teoria Gerativa, dois conceitos são essenciais: 1) a Competência relacionada à capacidade inata para a linguagem, composta do conjunto de todos os dados necessários ao processamento da linguagem existentes na mente de um falante e 2) o Desempenho, que, por sua vez, relaciona-se ao uso efetivo da língua pelo falante.

A expansão do conhecimento gramatical, por parte da criança, se dá de forma que, por volta de dois anos e meio, ela terá adquirido a estrutura básica de sua língua materna e estará habilitada a produzir sentenças elaboradas como as de um adulto. Vale dizer que os estímulos linguísticos externos servem de *input* inicial para que a Gramática Universal seja acionada e os Parâmetros da língua nativa sejam fixados. Entretanto, a criança não se limita a reproduzir os estímulos que recebeu, ela se mostra capaz de agir criativamente e, a partir desses dados iniciais, produzir enunciados inéditos.

Embasada nos princípios da Teoria Gerativa, uma hipótese muito forte para a aquisição da linguagem é a segmentação da fala, que possibilita ao bebê descobrir as unidades linguísticas de sua língua por meio das pistas prosódicas, como quando ouve "qué dedela?" ou "qué mimi?". Nessas sentenças, fica perceptível para o bebê que o "qué", repetido nas duas sentenças, é uma unidade distinta de "dedela" e de "mimi" e, ainda, que o constituinte "qué" tem um significado a partir de complementado por "dedela" e "mimi".

Assim, as pistas prosódicas dão sugestão às crianças quanto às regularidades específicas de uma língua. No caso da prosódia¹, Hermont (2014, p. 47) explica que esta teria a "função de propiciar o desencadeamento na aquisição da língua", por meio da segmentação das cadeias prosódicas, as quais são maiores que palavras e menores que as sentenças, conforme proposta apresentada por Chistophe e Dupoux (1996 *apud* Hermont, 2014, p. 46). Entre essa percepção da segmentação e a ampliação significativa do léxico, há um período de menos de doze meses. De acordo com a hipótese da aquisição da linguagem, por meio de pistas prosódicas, é relevante tratar da hipótese do *bootstrapping*² prosódico, pois essa seria justamente a alavancagem na aquisição da linguagem com a percepção pela criança do som, entonação e acento apresentados na fala dos adultos, conforme explica Hermont (2014, p. 47).

Retornemos à questão: como todas as crianças aprendem uma língua? Toda criança que não apresenta alguma deficiência específica aprenderá uma língua, pois, de acordo com a Teoria <u>Gerativa, a pe</u>ssoa está biologicamente predeterminada a isso e dominar uma língua demanda l Prosódia, conforme Hermont (2014, p. 46), é constituída por traços fônicos suprassegmentais, tais como assento, pausa, duração e tom.

² Bootstrapping, conforme nota de Hermont (2014, p. 47), não tem uma tradução literal na língua portuguesa, pode ser entendido com a ocorrência da "alavancagem".



AND LICIA BARROS LEÓNCIO

várias operações que não são aprendidas com repetições. Isso confirma que as crianças elaboram sentenças desde muito novas e, longe da hipótese da imitação ou repetição, fazem-no criativamente. Mesmo porque muitas dessas frases não fazem parte do vocabulário do adulto, como "eu fazeu xixi" ou "neném bebei dedela", que são, notadamente, hipóteses para a flexão verbal.

Todas as sentenças produzidas pela linguagem humana são estruturas sintáticas, arranjadas de acordo com a atuação de cada constituinte. Formamos essas estruturas com constituintes organizados de dois em dois, por concatenação (*merge*) e movimento (*move*), segundo Radford (2004).

Após apresentar, de acordo com a Teoria Gerativa, os princípios básicos para a aquisição da linguagem que norteiam nossa análise, passamos a descrever a metodologia utilizada em nosso trabalho.

3 O OBJETO NULO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

O objeto nulo é um tipo de construção envolvendo argumentos não realizados foneticamente, muito comum na gramática do Português Brasileiro. Assumimos em nosso trabalho que a aquisição de um constituinte na sentença configura-se na fixação de um parâmetro de uma língua específica. Buscar na fala infantil elementos que subsidiem a ordem e os critérios na aquisição de alguns constituintes da língua agrega novos conhecimentos sobre as regularidades desta língua e, por conseguinte, como se dá o seu processo de aquisição.

Com algumas variações de nomenclatura e não de conceito, a grande maioria das gramáticas de caráter normativo trata o objeto gramatical conforme Cegalla (1985, p. 277): "é o complemento para inteirar a informação do verbo transitivo direto ou indireto que não tem uma informação completa.". Para entendermos o complemento verbal, importa antes tratarmos do verbo, da sua condição de transitividade, ou seja, sua propriedade de selecionar e determinar os seus argumentos e os seus complementos. Assim, temos quatro tipos de verbos classificados de acordo com sua transitividade:

- I Transitivo direto: que pede um objeto direto. /Ex.: O menino comprou um livro.
- II Transitivo indireto: que pede um objeto indireto. /Ex.: O velho carecia de roupa.
- III Bitransitivo: pede um objeto direto e um objeto indireto. /Ex.: O carteiro entregou a correspondência ao destinatário.
- IV Intransitivo: não pede complemento. /Ex.: Pedro viajou.

A noção de complementação está ligada à entrada lexical de um verbo. O verbo requer argumentos e esses argumentos podem variar de zero a três, como em "Chove", que dispensa argumentos externos e internos, já em "Maria chegou.", há o argumento externo "Maria" e,



em "Maria comprou lápis.", o verbo "comprar" requer, além do argumento externo "Maria", o argumento interno "lápis". No caso de "Maria entregou o lápis ao menino.", há o argumento externo "Maria", e dois argumentos internos "lápis" e "menino". Os argumentos têm papeis temáticos diferentes e realizações sintáticas distintas também.

Retomamos o conceito de anáfora que é uma expressão cujo referente encontra-se na própria sentença ou no texto e é chamado de antecedente. Essa expressão, caso ocupe a função sintática de objeto direto, é retomada na sequência pela repetição dele ou pronominalmente com um pronome do caso oblíquo (o, a, lhe, si, me, mim, ti) ou reto (ele) ou, sem ser foneticamente realizado, ocorrendo o objeto nulo.

O referente, o objeto, pode ser recuperado pelo pronome oblíquo "<u>lo</u>", bem como pelo o pronome do caso reto "<u>ele</u>", ou a recuperação pode ser feita de forma não foneticamente realizada, o que chamamos de "objeto nulo". A diferença entre a referência anafórica e a referência dêitica deve ser analisada pela sua construção, pois, para a anáfora, essa construção é textual, entretanto, quanto à dêixis, sua construção se dá situacionalmente.

Devido à relevância dos traços de especificidade e de animacidade para o nosso estudo, consideramos importante trazer algumas definições e observações de pesquisadores, principalmente, Casagrande (2012), Cyrino (1994, 1999, 2000, 2002, 2016), e Lopes (2003, 2005, 2007, 2010, 2012), que trabalharam com esses dados.

Conforme Casagrande (2006, p.352), "o primeiro fato para o qual deve ser chamada a atenção é que especificidade não deve ser confundida com definitude, uma outra característica também atribuída a DPS". Segundo, Puskás e Ihasane (2001 *apud* Casagrande, 2006, p. 352) "definitude seleciona um objeto em uma classe de objetos possíveis e especificidade relacionase a elementos preestabelecidos no discurso"³. Na sentença: "Carlos deixou a carteira sobre a cômoda, acho que esqueceu $[\emptyset]$ "; o objeto "a carteira", constituinte "específico" na sentença dada como exemplo, é retomado anaforicamente com um objeto nulo $[\emptyset]$.

Derivado da língua inglesa *animacy* e sem uma tradução na língua portuguesa, o traço de animacidade é uma característica gramatical dos substantivos de acordo com a sua natureza em relação à presença de sensibilidade, vida, *ânima*. Em algumas línguas, é bastante significativa, principalmente naquelas que apresentam um sistema simples em que seja determinante a oposição entre animado e inanimado.

As línguas românicas e germânicas sofrem pouca influência em relação à necessidade de marcação de traços de animacidade. Na língua inglesa, por exemplo, temos o expletivo *it*, pronome de terceira pessoa para coisas, objetos e fenômenos, que torna o referente plenamente recuperável como em "It's rain and I imagined it". Lembramos que a animacidade relacionase semanticamente a seres animados e não necessariamente a seres humanos. Quanto à especificidade, conforme já esclarecido, podemos dizer que é o conhecimento sobre o referente retomado (que pode ser marcado sintaticamente pelo uso adjunto adnominal, como um pronome definido ou um possessivo). Observa-se que o antecedente referencial, quando é [-animado] e [+específico], é retomado pelo objeto nulo.

³ Conforme Puskás e Ihasane (2001, p. 40), "definitude", "selects one object in the class of possible objects" e especificidade "relate to pre-established elemnts in the discurse (Tradução nossa).



Lopes (2007) adverte que "embora o Português do Brasil licencie objetos nulos em qualquer contexto, a distribuição entre nulos e pronomes lexicais não é livre, mas é restrita pelos traços semânticos do antecedente, a saber <u>animacidade e especificidade</u>." (LOPES, 2007, p.84 – grifo nosso).

A partir da premissa da fixação de um novo parâmetro, pois que assumimos o objeto nulo no Português Brasileiro como um novo parâmetro, é relevante demonstrar tal tema na perspectiva na Teoria Gerativa, pois, se há variação e mudança, a criança deverá fixar novo parâmetro na representação do objeto nulo em determinados contextos. Tais constituintes foneticamente nulos ocorrem bem mais livremente no Português Brasileiro do que no Português Europeu e sua ocorrência é favorecida em contextos em que o antecedente é indefinido/não específico ou inanimado.

De acordo com a noção de Parâmetro, se houvesse um Parâmetro para ocorrência do objeto com dois valores, um preenchido e outro nulo, e se o Português Brasileiro fosse uma língua de objeto preenchido, a criança estaria exposta a duas estruturas, uma com objeto preenchido e outra com objeto nulo. Os dados do *input* apresentariam ambiguidade, com relação ao Parâmetro de preenchimento do objeto e a criança optaria pela não realização fonética.

Entendemos que, quando não usamos os clíticos "o" e "a", o objeto direto anafórico é recuperado de forma não foneticamente realizada. Para Casagrande (2012), as mudanças no Português Brasileiro, que ocasionaram a queda dos clíticos, como do uso da próclise e do abandono da ênclise, podem estar relacionadas a uma reanálise dos clíticos como propõe Cyrino (1996).

Em suas pesquisas sobre dados históricos, Cyrino (1997) concluiu que as posições não foneticamente preenchidas apresentaram crescimento considerável demonstrado na tabela a seguir, em que está sinalizada essa evolução do Século XVI ao Século XX.

Distribuição dos tipos de objetos nulos e plenos do século XVI ao século XX						
SÉCULO	NULOS		PREENCHIDOS		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%
XVI	31	10,7	259	89,3	290	100
XVII	37	12,6	256	87,4	293	100
XVIII	53	18,5	234	81,5	287	100
XIX	122	45	149	55	271	100
XX	193	79,1	51	20,9	244	100

Fonte: Cyrino (1997, p. 246)

É perceptível, na tabela anterior, a ocorrência desde o século XVI do objeto nulo na língua portuguesa, com sensível crescimento até o século XX. Com o passar do tempo, os clíticos acusativos de terceira pessoa com antecedente [-animado] também foram atingidos pela queda e têm o seu lugar ocupado por um objeto nulo.



Dessa forma, as crianças expostas à Língua-E no Português do Brasil fixam o Parâmetro do objeto nulo de forma crescente desde o século XVII, de acordo com as pesquisas apresentadas por Casagrande (2007) a partir dos dados de Cyrino (1996). As tabelas apresentada por Lopes e Cyrino (2007, p. 87) tratam de um *corpus* no qual foram computados 280 dados com objeto direto anafórico. As autoras mostram, inclusive, que complementos que retomam um antecedente no discurso são preferencialmente realizados como objetos nulos e que, em termos de preenchimento, há uma clara rejeição aos pronomes pessoais ele(s) /ela(s). De acordo com o estudo de Casagrande (2012), o que se destaca no preenchimento do ODA (Objeto Direto Anafórico) é a especificidade do antecedente "como a força maior que determina o elemento a ser empregado na posição de ODA".

O objeto nulo dêitico ocorre universalmente, conforme Lopes (2007), em contextos imperativos, ou seja, contextos em que são usados verbos no modo imperativo como em "Guarda $[\emptyset]$!" ou "Pega $[\emptyset]$ agora". No Português Brasileiro, os nulos dêiticos ocorrem em vários outros contextos, entretanto, a autora ressalta o fato de que é necessário distinguir o nulo dêitico do nulo anafórico, pois o nulo anafórico ocorre quando a retomada é feita na sentença e o nulo dêitico, por sua vez, no contexto. Vamos observar o diálogo seguinte:

- (01) -Adulto: Você guardou[Ø]?
- (02) -A.L.: Guardei [Ø] no mesmo lugar.
- (03) -Adulto: Não achei[Ø]?
- (04) -A.L.: Você nunca acha Ø].
- (05) -Adulto: Achei[Ø] aquele dia.
- (15) -A.L.: Aquele dia achou $[\emptyset]$.
- (06) -Adulto: Achei [Ø].
- (07) -A.L.: Ufa, demorou, agora guarda $[\emptyset]$.

Em todas as sentenças transcritas, percebemos que o objeto (que não está foneticamente realizado) tem um referente fora da sentença que é do conhecimento do adulto e da criança A.L, de cinco anos e onze meses. É um elemento que só pode ser recuperado no contexto em uma condição semântico-pragmática.

Ao examinar qualitativamente os dados de crianças adquirindo o Português, Lopes (2007) conclui que os "objetos nulos inicialmente são instâncias de nulos dêiticos em contextos imperativos; contudo, quando os pronomes começam a ser utilizados, o nulo se torna anafórico." (LOPES, 2007, p. 86). Matos (1992) afirma ainda que o objeto nulo se sujeita à subjacência, princípio que, segundo Chomsky (1973), determina que um constituinte não pode se mover por mais de dois nódulos limítrofes⁴ e, quando a referência está na situação, a elipse de VP não é possível.

Cyrino e Matos (2002) diferenciaram o objeto nulo da elipse de VP esclarecendo que, no primeiro caso, apenas o objeto direto não é foneticamente realizado. Já na elipse de VP, todos 4 Sentença ou sintagma nominal.



os constituintes (complementos e adjuntos) são elididos (conforme já exemplificamos) e distinguem os antecedentes expressos daqueles presentes no discurso.

Nesta seção, traçamos um breve histórico da ocorrência do objeto nulo no Português do Brasil com dados apresentados por pesquisadores que vêm estudando essa ocorrência e demonstram o considerável crescimento da tendência ao não preenchimento do objeto no Português Brasileiro e as hipóteses para esse fenômeno.

A seguir, apresentaremos a metodologia realizada para este trabalho.

4 A METODOLOGIA DO NOSSO TRABALHO

Trabalhamos com dados advindos de falas espontâneas e eliciadas por parte de crianças com faixa etária variando de um a quase seis anos. Verificamos, nessas falas, se havia o objeto foneticamente explícito ou o objeto nulo, observando se tal constituinte tem seu antecedente caracterizado pelos traços de animacidade e de especificidade.

Iniciamos a coleta de dados por meio de gravações realizadas pelos familiares das crianças. Essas gravações eram de conversas espontâneas em situações cotidianas constantes de recontos de pequenas histórias e produções eliciadas, com períodos de gravações que ocorreram ao longo de doze meses. Como exemplo, tem-se a fala da criança A.L., nos anos de 2016 e 2017, correspondendo à idade de cinco anos a cinco anos e onze meses, e as gravações das falas da criança L., no período de dois anos a três anos e um mês. Algumas crianças foram gravadas em, no máximo, três ocasiões. Essa investigação resultou em um trabalho longitudinal, com frequência quinzenal.

Organizamos o banco de dados de forma a visualizar a quantidade de ocorrências do objeto explícito (direto ou indireto), do objeto nulo, sua posição em relação ao verbo e os traços de animacidade e de especificidade do antecedente. A partir dessa cuidadosa classificação, fizemos a análise quantitativa e, em seguida, a descrição qualitativa dos dados.

De acordo com o fenômeno que nos dispusemos a investigar, buscamos alguns métodos para a coleta de dados. Optamos por métodos de produção espontânea e os de produção eliciada. Os dados de produção espontânea permitem uma análise da frequência de uso de construções, auxiliando na análise de como a aquisição das construções das sentenças se dá, trazendo a vantagem de evidenciarem as informações sobre diversos aspectos do desenvolvimento das estruturas gramaticais produzidas pelas crianças.

A produção eliciada é um método baseado na proposição de situações de fala em que a criança é incentivada a produzir determinadas sentenças. Utilizamos, por exemplo, algumas situações em que, a partir da brincadeira com fantoches, a criança responde com objetos gramaticais foneticamente realizados ou foneticamente nulos. Além da ludicidade que deixa a criança informante mais segura e confortável, esse método tem muitas vantagens, pois podemos utilizar e propor estruturas mais complexas, não muito comuns nas conversas espontâneas. A produção eliciada já fornece à nossa análise uma hipótese bem robusta quanto à capacidade da



criança de gerar construções sintaticamente mais elaboradas, independentemente de aprendêlas primeiro.

Utilizamos uma análise preliminar no programa *Gold Varbrul* a título de teste da nossa hipótese que, conforme descrito, é a influência da animacidade do antecedente na produção de objetos nulos. Utilizamos apenas 100 (cem) sentenças do nosso banco de dados e, nessas sentenças, apuramos um percentual de 30% com ocorrência de objetos nulos e 70% com objetos foneticamente realizados. Relacionamos os dados demonstrando que, do percentual das sentenças com objetos nulos, 59% apresentam antecedentes [+animado] e 41% antecedentes [-animados]. Das sentenças com objeto foneticamente realizados, temos 82% com antecedente [-animado] e 18% com antecedente [-animado].

Quanto ao fator idade, as crianças de dois anos produziram 82% das sentenças com objeto nulo e cerca de 18% com objeto foneticamente realizado; as crianças de três anos produziram 43% com objetos nulos e 57% com objetos foneticamente realizados. As crianças de quatro anos produziram sentenças com 41% de objetos nulos e 59% com objetos foneticamente realizados.

Na apuração realizada pelo *Gold Varbrul*, as variantes dependentes são o "n" (objeto nulo) e "o" (objeto foneticamente realizado) trabalhadas no nível 0, apresentando *input* de 0,307, que "representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente" (GUY; ZILLES, 2007, p. 238).

Esse primeiro levantamento foi de suma importância na definição das observações a serem feitas, pensando o número de variáveis do fenômeno linguístico estudado. Concluímos que a análise preliminarmente realizada para testar nossa hipótese com um montante pequeno dos dados, apontou-nos um percentual de produção de objeto nulo equivalente a apenas 25% do total da produção de objetos foneticamente realizados e, ainda, uma produção de objeto nulo de apenas 20% do montante total.

Ressaltamos que o percentual apurado se modifica a partir da análise de um número maior de dados, conforme nossa pesquisa demonstrou. Entretanto, o objeto foneticamente realizado pode suceder um antecedente [+animado] ou [-animado], assim, a relação entre animacidade e objeto nulo requer maior investigação.

A seguir, apresentaremos os resultados obtidos em nossa pesquisa e as análises realizadas.

5 NOSSO TRABALHO COM A SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Analisamos os dados coletados, num total de 768 (setecentos e sessenta e oito) sentenças, em dois grupos, o primeiro grupo constante de crianças de zero a três anos, que cursam o maternal normalmente sequenciado em maternal 1, 2 e 3 e o segundo grupo, constante de crianças de três anos e um mês até cinco anos e onze meses, matriculadas na Educação Infantil.



5.1 Crianças com até três anos

Iniciamos com (1) M.L, de um ano e três meses de idade. A criança utiliza os verbos no imperativo e não preenche a posição de complemento, deixando que seja recuperado no contexto. Há também a criança (2) R., de um ano e sete meses, que utiliza apenas o complemento e a criança (3) L., de dois anos e três meses, que utiliza mais componentes, conforme se pode depreender das sentenças abaixo:

- (08) -Pega $[\emptyset]$ [amaa $[\emptyset]$] $(Pega[\emptyset])$
- (09) -RH.: Ø[gao]] (Galo)
- (10) -L.: [[Num [mitula [mia [massinha]]. (Não mistura a minha massinha.)
- (11) -Adulto: [Num [tô [misturanu]].:
- (12) -[tá [mituanu [si]]]. (Tá misturando sim)

É possível dizer que a criança domina a sintaxe de sua língua quando consegue produzir e compreender sentenças com objeto nulo, tanto anafórico quanto dêitico, tais como ocorre em (13) e (15), conforme o banco de dados de nosso estudo mencionado na introdução do presente artigo:

- (13) Não vou arrancar o dente porque vai ficar feio sem [O] Objeto nulo anafórico.
- (14) Adulto: Por que você não quer arrancar o dente
- (15) Eu vou arracar [O] Objeto nulo dêitico.

Pode-se observar que a criança demonstra um nível complexo de sintaxe na mais tenra idade. Primeiro, porque demonstra, ao produzir e compreender sentenças com objeto nulo, que conhece a hierarquia dos constituintes e as relações de c-comando e, por isso, consegue estabelecer relação entre o objeto nulo e seu correferente. Em segundo, mostra estar adquirindo o parâmetro da língua a que é exposta, ou seja, demonstra adquirir o objeto.

No grupo que compreende as crianças de zero a três anos, observamos os dados de M.L., de idade de um ano e quatro meses e que ainda não frequenta a escola. Ela produziu quatro sentenças, nas quais detectamos a presença de dois objetos diretos foneticamente realizados, ambos apresentando antecedentes com traços [+específico] e [-animado].

A criança J., com idade de um ano e sete meses, frequenta o maternal 1. Produziu seis sentenças. São sequências produzidas em função da pergunta/resposta no diálogo com um adulto e, nessas sentenças, há a presença de verbos de ligação e, consequentemente, não há argumentos internos, ou seja, complementos verbais. Vejamos:

- (16) -Adulto: oh, o vovô e a vovó vovô
- (17) -J.: qui é isso::: tudo suju de lama



R.H., com idade de um ano e oito meses, cursa o maternal 1. Produziu doze sentenças com a presença de cinco objetos nulos e três objetos foneticamente preenchidos. São sequências produzidas em função da pergunta/resposta no diálogo com um adulto. Exemplificamos trazendo um trecho do diálogo entre R.H. de um ano e oito meses e um adulto:

- (18) -Fazê $[\emptyset]$ dinovu.. essi vai $[\emptyset]$ (fazê $[\emptyset]$ de novo...esse vai $[\emptyset]$).
- (19) -Caiudinovu si pedacin (caiu de novo esse pedacinho).
- (20) -Carro carru oh caiu [...] (carro oh caiu).
- (21) [Ø] Taqui (ta aqui).

A criança R.H., com idade de um ano e oito meses, produz suas sentenças e não realizou foneticamente, em alguns casos, o constituinte sujeito ou operou com o pronome demonstrativo "esse". Em (18), a locução adverbial é uma hipótese para o licenciamento do objeto nulo assim como o advérbio em (21), licencia o sujeito nulo. Em (18), "Fazê $[\emptyset]$ di novo", o constituinte objeto é nulo e, por ser recuperado na situação discursiva, é considerado um objeto dêitico, pois, de acordo com a sequência das sentenças (o brinquedo caiu e o "movimento" será feito novamente), o componente gestual dessa criança, no momento de sua produção linguística, indica que o objeto gramatical está implícito no contexto.

M.E., com idade de dois anos, frequenta o maternal 1. Produziu doze sentenças com a presença de dois objetos nulos e dois objetos foneticamente preenchidos. Os quatro objetos nulos e os dois objetos foneticamente preenchidos têm antecedentes com traços [+específico] e [-animado].

- (22) M.E: vem logu coe (vem logo, corre).
- (23) M.E: ttii qui coco a buza (titia, tira cocô da blusa).
- (24) M.E.: tia coco aqui (tira cocê aqui).
- (25) M.E.- pega [Ø] amarra [Ø]

Verificamos que as ocorrências do objeto nulo são detectadas em maior número na fala das crianças com até dois anos, considerando que a maioria dos objetos são recuperados no contexto, fora da sentença, ou seja, são objetos nulos dêiticos. A mesma criança produz as sentenças abaixo que analisaremos a seguir.

- (26) fazê u neném mimi (fazer o neném dormir)
- (27) Quilia amarra [O] (queria amarrar)

Em (26), "neném" é o complemento do verbo fazer, temos, então, um objeto explícito. Em (27), o verbo "amarrá" não tem o complemento foneticamente realizado, é o objeto nulo. A não realização fonética ocorre normalmente quando são dadas respostas curtas pelas crianças e o objeto fica naturalmente subentendido. Esse referente pode ser recuperado anaforicamente e ainda está relacionado a respostas dadas com a utilização do verbo no presente do indicativo,



situação em que a nulidade recai sobre a categoria sujeito.

A.R., com idade de dois anos e um mês, é aluno do maternal 2. Produziu três sentenças e nenhum argumento interno (complemento verbal). Observemos as sentenças abaixo produzidas por A.R:

(28) - Adulto: Filho zero fala pra vovó.

(29) -A.R.: Gao (galo).

Nas produções de A.R, tomamos como exemplo o diálogo entre o adulto e a criança de dois anos e oito meses. Esse diálogo demonstra que, embora compreenda a interpelação do adulto, responde com substantivos e um advérbio de negação. Considerando o contexto, há possibilidade de construir sentido para o diálogo, mas a criança ainda não completa os sintagmas.

R., com idade de dois anos, cursa o maternal 1, produziu 212 sentenças com a presença de 22 objetos nulos e 27 objetos foneticamente preenchidos. As sentenças produzidas pela criança R., de janeiro a março de 2017, nos propiciam tecer nossas observações:

- (30) -Vô condê (Vou esconder).
- (31) -Achei[Ø].

Em (30), a criança refere-se a si na brincadeira, vai esconder-se. O verbo esconder, quando usado em relação à primeira pessoa por crianças em processo de aquisição da linguagem, tende a ter objeto nulo, segundo nossa pesquisa. Isso porque as crianças não utilizam o pronome "me", como "vou esconder-me".

Já em (31), o complemento do verbo é recuperado com a retomada do elemento dêitico, no caso, o adulto "que" foi achado na brincadeira, devendo ser considerado o contexto da produção e a presença do verbo perfectivo e o antecedente [+animado]. R. teve as produções registradas em um intervalo de três meses, iniciadas aos dois anos e um mês e concluídas aos dois anos e três meses. A criança apresenta, nas primeiras falas, apenas respostas aos questionamentos feitos, na maioria com o verbo ser/estar na terceira pessoa do singular tomando posição de afirmação. Nas produções da criança R., há preponderância de objetos nulos, verbos imperfectivos⁵ e antecedentes com traço [-animado]. Isso, de acordo com nosso estudo, contribuiu para a convergência desses fatores para a produção de objetos nulos.

Os dados apontados a seguir, apesar da pouca quantidade, trazem um objeto nulo que interessa à nossa análise. G, com idade de dois anos e quatro meses, frequenta o maternal 2. A criança produziu três sentenças e nenhum argumento interno (complemento verbal). Por meio de um exemplo das produções de G., podemos verificar o objeto nulo na sentença:

(32) -Si você nu fazê $[\emptyset]$ (Se você não fizer $[\emptyset]$. (O antecedente do objeto nulo é caracterizado pelos traços [-animado] e [+específico])

⁵ O *imperfectivo, aspecto verbal*, indica que a ação não está totalmente concluída, não sendo possível identificar o começo, o desenvolvimento e o final dessa ação, que se encontra incompleta. Ex. Minha mãe lavava a roupa só quando a água chegava.



Os dados linguísticos da criança L. foram obtidos durante dois meses, entre 2016 e 2017. O início se deu quando a criança tinha dois anos e um mês e a conclusão das gravações ocorreu quando tinha dois anos e três meses, Essa criança frequentou o maternal 1 e 2 nesse período e produziu 170 sentenças, entre produções espontâneas e produções eliciadas. As sentenças produzidas têm 32 objetos nulos e 50 objetos foneticamente preenchidos.

Apresentamos exemplos das produções de L., registradas em um período maior, de forma longitudinal:

- (33) -Assim eu vô fazê a fozinha pindulá [ela] (Assim eu vou fazer a florzinha dependurar ela).
- (34) -L- Ta mitulando $[\emptyset]$ sim (Tá misturando $[\emptyset]$ sim).
- (35) -Eu vô rancá[\emptyset] (Eu vou arrancar [\emptyset]).
- (36) -Cê sabi fazê[Ø] (Você sabe fazer [Ø]).

Em (33), a perífrase verbal parece determinar o preenchimento do argumento [a fozinha] e o verbo "pindulá" deixa elíptico o verbo auxiliar e há a retomada anafórica do antecedente do objeto com um pronome lexical. Parece-nos, na sentença em questão, que "fozinha" para a criança apresenta animacidade, caracterizada pela proximidade e afetividade representada pelo diminutivo, tomada como algo animado, hipótese para a retomada com o pronome "ela".

As sentenças (34), (35) e (36) trazem o objeto nulo dêitico, uma vez que pode ser recuperado fora da sentença, considerando as locuções verbais, o uso do imperfectivo e a condição dos antecedentes caracterizados pelos traços [- animados] e [+específico]. Nossas observações nos levam a ressaltar a ocorrência da linguagem gestual no lugar da realização fonética com:

(37) -Sabi fazê ó (gesto).

O percentual de realização fonética do objeto que cresce consideravelmente nas produções de L. em relação à R., por exemplo, bem como o objeto nulo dêitico, é de 75% do total da produção de objetos nulos. Percebemos, nas sentenças produzidas por L., que foram sendo agregados constituintes, além do maior preenchimento da posição do objeto, incluindo a utilização de orações subordinadas nos levando a concluir que a fixação desses parâmetros já leva a produção a assemelhar-se à gramática alvo do adulto.

(38) - L.-Eu acho [qui fica feio].

D., com idade de 3;0 (três anos), matriculado no maternal 1, produziu cinco sentenças e nenhum argumento interno (complemento verbal).

- (39) -D- cuca (açúcar)
- (40) -D- ceceanu nu sopi (passeando no shopping)

De acordo com os nossos dados, a partir das falas das crianças de zero a três anos, constatamos que, de 340 sentenças produzidas, há a presença de 254 objetos. Desses objetos, 88 são



objetos nulos e 168 objetos explícitos, o que corrobora nossa afirmativa de que, assim como o objeto nulo surge na fala infantil bem cedo, logo que as crianças começam a falar, responder a interpelações ou apontar os objetos que desejam, o objeto explícito tende a tornar-se mais presente a partir dos dois anos.

Tratamos das relações entre as produções desses constituintes e as características dos traços de seus antecedentes [+/- animados] e, por meio da síntese desses dados, verificamos que a animacidade do antecedente tem relação direta com a ocorrência do objeto nulo. As crianças com até três anos de idade, participantes desta pesquisa, produziram 428 sentenças. Essas sentenças apresentam 151 objetos (complementos verbais), dos quais 64 são nulos e, desses objetos nulos, 59 apresentam antecedentes com traços [-animado] e 56 apresentam antecedentes com traços [+específico]. As sentenças produzidas pelas crianças de zero a três anos apontam para um percentual de 87,8% de ocorrência de objetos nulos para antecedentes com traços [-animado] e [+específico]. Fato que confirma nossa hipótese inicial para a ocorrência do objeto nulo.

Em relação à metodologia utilizada, podemos dizer que as produções eliciadas têm a vantagem de conduzir o diálogo (experimento), propondo situações de forma que a criança se veja diante de sentenças com antecedentes caracterizados pelos traços [+/- animado] e [+/específico] e produza, assim, as suas sentenças com objetos nulos ou objetos explícitos, comprovando ou não a nossa hipótese. Apresentamos à criança um conjunto de cartazes com as cenas e os personagens à medida que é feita a narrativa e, ao final, fizemos uma pergunta cuja resposta nos auxiliou na análise da ocorrência do objeto nulo, em função da animacidade do antecedente e perfectividade/imperfectividade do verbo. Nesse experimento, que nos forneceu dez sentenças, há sete ocorrências de objetos nulos. Todos os antecedentes são caracterizados com traços [-humanos], se considerarmos que são fantoches, entretanto, as crianças tendem a considerá-los caracterizados pelo traço [+animado], pois ganham vida na narrativa e, assim, preenchem-nos com o objeto explícito.

Nossos dados sinalizam a ocorrência do objeto nulo apenas para antecedentes com traços [- animados] e [+específicos]. Raramente, encontramos um objeto nulo cujo antecedente é caracterizado pelo traço [+animado] e principalmente [+humano]⁶. Quanto à realização do objeto foneticamente realizado, ocorre tanto para antecedentes [+/- animados] quanto para antecedentes [+/- específicos], é recuperado quando dêitico ou anafórico pelos pronomes do caso reto de terceira pessoa.

Os dados comprovam que as crianças menores de três anos, habitualmente, utilizam-se da linguagem gestual para designar os objetos, contextualizando-os. Junte-se a esse uso, o uso do imperativo que, conforme demonstram os dados, licenciam o objeto foneticamente não realizado. Nossos dados apontam para uso do modo imperativo por crianças de até um ano e oito meses, num percentual de 20% das sentenças e, na faixa de dois anos e um mês a três anos, esse uso cai para menos de 5%. Em algumas ocorrências de objeto foneticamente realizado com antecedentes [-específico] e [+animado], a recuperação é realizada por um pronome lexical pessoal, normalmente de 3ª pessoa e/ou um pronome demonstrativo, sempre

⁶ Lembramos que há a distinção entre humanos e animados, pois um animal é animado, mas não humano e, às vezes, podemos retomá-lo em uma sentença sem a realização fonética como: "- Você viu o gato? /- Vi estava comendo." Ou, "você num tosse meu pecinho eu quelu eli".



para inanimados e específicos.

Ocorre, ainda, o objeto foneticamente realizado com antecedentes tanto [+/- específicos] e [+/- animados]. Na grande maioria das ocorrências de objeto nulo na produção das crianças com até três anos, há a presença de um antecedente caracterizado pelos traços [+específico] e [-animado]. Lembremos que nem sempre o conceito de animado prende-se a humano, pois há, em algumas produções, o que chamamos aqui de transferência relacionada à questão afetiva como em "mia buneca" e "buca ela, ela sola".

Portanto, objetos foneticamente realizados podem apresentar antecedentes [+/-específicos] e/ou [+/- animados] e ser representados por pronomes de 3ª pessoa. Entretanto, apenas os [-animado] e [+específico] são retomados por pronomes demonstrativos e, de acordo com nossos dados, os objetos nulos raramente ocorrem quando o antecedente é [+animado]. As crianças a partir de três anos tendem, conforme nos apontam os dados, ao maior preenchimento fonético do objeto (produzem mais objetos explícitos) e, em consequência, encontramos menor incidência do objeto nulo.

5.2 Crianças a partir de três anos e um mês

Os dados compreendem as produções espontâneas das crianças de três anos e um mês a cinco anos e onze meses e trazem também exemplos de sentenças de L., com idade de três anos e dois meses, registradas por meio de experimentos de produções eliciadas, com testes elaborados de forma a observar e mensurar a relação entre características de animacidade do traço do antecedente e a ocorrência do objeto nulo.

B., com a idade três anos e onze meses, cursa o primeiro período da Educação Infantil. Produziu 24 sentenças com a presença de sete objetos nulos e dez objetos foneticamente preenchidos conforme alguns exemplos selecionados:

- (41) -B.: u caçado tilou $[\emptyset]$ pala sempe da baiga (O caçador tirou $[\emptyset]$ da barriga).
- (42) -B.: a buca [Ø] agola (Ah, busca [Ø] agora).
- (43) -B.: a mamae tosse $[\emptyset]$ (A mamãe trouxe $[\emptyset]$).
- (44) -B.: a não tosse $[\emptyset]$ (Ah, não, não trouxe $[\emptyset]$).
- (45) -B.: na buca $[\emptyset]$ la eu qué $[\emptyset]$ (Na busca lá que eu quero).
- (46) -B.: na sem pé buca [Ø] agola (Na sem pé busca [Ø] agora).

Vimos, nas produções de B., oito objetos nulos. Destes, cinco apresentam antecedentes com traços [+animado] e dois com antecedentes com traços [-animado]. É importante salientar que todos os oito objetos nulos apresentam antecedentes cujos traços são [+específico]. Quanto aos objetos foneticamente preenchidos, temos um total de dez, todos são caracterizados por traços [+específico], dos quais, seis apresentam traços [+animado] e quatro apresentam traços [-animado].



S. tinha, na ocasião da pesquisa, idade de três anos e oito meses e era aluna do primeiro período da Educação Infantil. Produziu 24 (vinte e quatro) sentenças com a presença de quatro objetos nulos e 15 objetos foneticamente preenchidos. As produções de S. corroboram a análise que apresentamos, pois compõem-se de 15 antecedentes [-animado] e [+ específicos] para 11 objetos explícitos e quatro objetos nulos. Todos os quatro objetos nulos apresentam antecedentes com traços [-animado] e [+específico].

A seguir, apresentamos alguns exemplos de modo a ilustrar nossas considerações.

- (47) -S- nó diliga o cilulá (Não desliga o celular)
- (48) -S-vô ti mostá [Ø] epela (Vou mostrar [Ø] espera)

O exemplo (47) traz o objeto explícito "cilulá" enquanto que, em (52), o objeto é nulo e deve ser recuperado no contexto (dêitico).

A.R. com a idade de três anos e nove meses, cursa o primeiro período da Educação Infantil. Produziu oito sentenças com a presença de dois objetos foneticamente preenchidos. Nas produções de AR., os dois objetos explícitos apresentam antecedentes distintos. Um se caracteriza por traço [-animado] e o outro se caracteriza pelo traço [+animado]. Ambos apresentam traços [+específico], assim reiteramos que o objeto foneticamente realizado pode ocorrer nas duas circunstâncias. Vejamos os dois exemplos a seguir:

- (49)- A.R. Sô cabideliro olia a máscara
- (50)- A.R. Quelu [Ø] mas tô fazenu cabedeleio.

LI., com a idade de quatro anos e dois meses, está matriculada no primeiro período da Educação Infantil. Produziu 153 (cento e cinquenta e três) sentenças com a presença de 22 objetos nulos e 27 objetos foneticamente preenchidos. Nas sentenças produzidas por LI., abundam exemplos da relação antecedente *versus* objeto, apenas um objeto nulo apresenta antecedente [+animado] e [+específico]. Observa-se que, na produção dessa criança, há grande quantidade de objetos gramaticais explícitos caracterizados por traços [-animado] e [+específico] e antecedentes de objetos nulos, apresentando os mesmos traços [-animado] e [+específico]. O que também comprova que ocorreram tanto para explícitos quanto para objetos nulos, antecedentes com características semelhantes. Trazemos alguns exemplos a seguir.

- (50) -Ad- Faz os dois.. faz o Nil e a Bia
- (51) -LI- Mas eu queria só a Bia::
- (52) -Ad Ah:: mas tá falando sobre o personagem principal
- (53) -LI- mas eu quelia só a Bia ((quase sussurrando))

Nas sentenças produzidas por LI. O único antecedente caracterizado por traços [+animado] e [+ específico] relaciona-se a um objeto foneticamente realizado, assim, temos 93 objetos explícitos e 28 objetos nulos. Em um total de 121 objetos, a maioria é caracterizada por apresentar antecedentes com traços [-animado] e [+específico]. Essa constatação nos leva a



inferir que os objetos explícitos também são caracterizados com traços [-animado], entretanto, os objetos nulos ocorrem majoritariamente em situações de antecedentes caracterizados pelos traços [-animado] e [+específico].

A.L. teve os dados coletados durante seis meses a partir de cinco anos e cinco meses até cinco anos e onze meses, entre 2016 e 2017, cursando, respectivamente, o primeiro e o segundo período da Educação Infantil. Produziu 130 sentenças com a presença de 22 objetos nulos e 27 objetos explícitos.

- (54) -Adulto: olha u porquinhu qui eu colori olha igual u desenho do tio Patinhas olha
- (55) -A.L.: o meu tá muitu mais bunito cê sabia qui eu sei desenhá uma quadrilha?
- (56) -Adulto: Isso é u padre?
- (57) -A.L.: não é homem

As crianças A.L., de cinco anos e onze meses, e L., de dois anos e dois meses, tiveram a produção espontânea, registrada e os dados apurados. Com dados transcritos do diálogo das crianças A.L. e L., devemos observar a quantidade, primeiro, nas sentenças de A.L., cujos antecedentes são três caracterizados pelos traços [-animado] e [+específicos]. A criança A.L. produziu nove sentenças com dois objetos explícitos caracterizados pelo traço [-animado] e [+específico] e um objeto nulo cujos antecedentes são caracterizados por traços [-animado] e [+específico]. Nas sentenças produzidas por A.L., constatamos que ocorreram, para objetos explícitos ou objetos nulos, antecedentes com os mesmos traços. As sentenças de L. mostram também que, no caso do objeto explícito, podem ocorrer traços caracterizados por [+/- animados] e [+/-específicos].

- (58) -A.L.: lalá num pecisa para de fala ela num grava[O].
- (59) -L.: ocê tem titi.

Vimos que as sentenças (58) e (59) apresentam objeto nulo e objeto explícito, respectivamente. No segundo exemplo, o objeto explícito também é caracterizado por tais traços. Isso demonstra que pode haver a ocorrência dos dois tipos de complementos (explícitos e nulos) com antecedentes [+/-animados] e [+/-específicos]. Ressaltamos, entretanto, que, embora não haja uma restrição, há certamente a preponderância de objetos nulos com antecedentes caracterizados por traços [+animado] e [+específico], o que os dados fartamente comprovam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazemos a descrição e a análise dos dados coletados no período de 2016 e 2017, perfazendo um total de 768 (setecentas e sessenta e oito) sentenças, com produções de crianças na faixa etária compreendida entre zero e cinco anos e onze meses, em contextos diferenciados. A interseção dos dados sinaliza uma regularidade da língua, o uso do objeto nulo precedido de



antecedentes caracterizados com traços [-animado] e [+específico].

Quanto à especificidade e à animacidade, podemos afirmar, com base em nossa pesquisa, que os objetos nulos são antecedidos, em 93,18% dos casos, por traços [-animado] e [+específico], de acordo com a média entre traços [+/- animados] e [+/- específicos]. Os objetos explícitos são caracterizados, em 92% dos casos, por traços [-animado] e [+específico], de acordo com a média, entre traços [+/- animados] e [+/- específicos].

Partindo do pressuposto assumido por nós desde o início, ou seja, que a ocorrência do objeto nulo é licenciada pelo antecedente caracterizado pelos traços [-animado] e [+ específico], podemos atestar que nossos dados confirmaram nossa hipótese e, realmente, os objetos nulos têm, preponderantemente, antecedentes caracterizados por traços [-animado] e [+específico]. Não obstante, o objeto explícito pode ocorrer em outras situações, haja vista que muitos deles são caracterizados pelo traço [+animado]. Tivemos um objeto foneticamente realizado, mas ele também ocorre em condições de antecedentes caracterizados pelo traço [-animado], o que nos levou a concluir que, para esse caso, não há uma restrição absoluta.

Entendemos que um assunto tão complexo demanda maior pesquisa e discussão, embora os dados e a análise que trazemos colaborem na comprovação da relação entre animacidade e ocorrência de objetos nulos. Buscamos trabalhar com dados recentes de crianças nascidas na segunda década do século XXI, expostas ao Parâmetro linguístico em estudo, o objeto nulo no Português do Brasil, contribuindo com novas perspectivas para a compreensão do processo de aquisição da linguagem, analisando um dos constituintes da sentença.

REFERÊNCIAS

CASAGRANDE, Sabrina. A aquisição de clíticos acusativos e o objeto nulo no Português Brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 341-370, jun./dez. 2006.

CASAGRANDE, Sabrina. Restrições de ocorrência do objeto direto anafórico no Português Brasileiro: gramática adulta e aquisição da linguagem. **ReVEL**, ed. Especial, n. 6, 2012. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/caeb5315459fe2b37f2046bdd7d3c53c.pdf. Acesso em: 22 ago. 2017.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1985.

CHOMSKY, N. Conditions on Transformations. In: Anderson, S.R. e P. Kiparsky (eds.), A Festschrift for Morris Halle, Holt, Reinehart and Winston, Inc., New York, 1973.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. O objeto nulo no português do Brasil — um estudo sintático-diacrônico. Londrina: Editora da UEL, 1994.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: KATO, Mary A.; ROBERTS, Ian. (org.). **Português Brasileiro:** uma viagem diacrônica. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 163-185).



CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. O Objeto nulo no Português do Brasil. Londrina: UEL, 1997.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. "A categoria INFL no português brasileiro". Estudos Linguísticos, n. XXVIII, p. 449-454, 1999.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. "O objeto nulo no português do Brasil e no português de Portugal", palestra proferida na 52ª Reunião Anual da SBPC - realizada na Universidade Federal de Brasília, em Brasília, DF, de 9 a 14 de julho de 2000, Simpósio "Sobre as diferenças entre o português europeu e o português do Brasil".

CYRINO, Sônia Maria Lazzarino, Matos, Gabriela. Vp ellipsis. In: European and brazilian portuguese. Journal of Portuguese Linguistics, 1-2, p. 177-195, 2002.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Entrevista. Scripta, v. 20., n 38, p. 430-436, 1° sem.2016.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini; REICH, U. Uma visão integrada do objeto nulo no Português Brasileiro. In: **Romanistisches Jahrbuch**. Berlim/Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2002. p. 360-386.

GROLLA, Elaine. SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Para Conhecer Aquisição da Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise. Parábola. São Paulo: Parábola, 2007.

HERMONT, Arabie Bezri. Aquisição de linguagem à luz da Teoria Gerativa. In: HERMONT, Arabie Bezri; XAVIER, Gláucia do Carmo (Org.). **Gerativa:** (inter)faces de uma teoria. 1. ed. Florianópolis: Beconn, 2014.

HERMONT, Arabie Bezri. MORATO, Rodrigo Altair. Aquisição de tempo e aspecto em condições normais e no déficit de aprendizagem. **Revista Linguística**/ Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vol 10, n. 1, junho de 2014. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/pós linguística/revistalinguistica. Acesso em: 10/12/2017.

LOPES, Ruth E. Vasconcellos. Aquisição da linguagem: novos modelos e velhas análises? **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. .38, n. 1, p.146-166, março, 2003.

LOPES, Ruth E. Vasconcellos; QUADROS, Ronice Muller. Traços semânticos na aquisição da linguagem: há efeitos de modalidade de língua? **Revista da ABRALIN**, vol.4, n. 1 e 2, p. 75-108. Campinas. São Paulo, dez. 2005.

LOPES, Ruth E. Vasconcellos. O que a aquisição inicial da sintaxe revela sobre parametrização? O caso de objetos e estruturas afins. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, vol. 42, n.1, p. 77-96, março, 2007.

LOPES, Ruth E. Vasconcellos. Aquisição da linguagem: novas perspectivas a partir do programa minimalista. **DELTA,** n.17, p. 245-281, 2010.



LOPES, Ruth E. Vasconcellos. O experimental e o formal: um encontro de benefícios múltiplos. ReVEL, n. 6, 2012.

MATOS, M. G. A. P. Construções de Elipse de Predicado em Português - SV Nulo e Despojamento, tese de doutorado, Universidade de Lisboa, Portugal, 1992.

MORATO, Rodrigo A. e XAVIER, Gláucia do Carmo. Teoria Gerativa: uma introdução aos principais conceitos. In:HERMONT, Arabie Bezri; XAVIER, Gláucia do Carmo (Org.). **Gerativa:** (inter)faces de uma teoria. 1. ed. Florianópolis: Beconn, 2014.

PUSKÁS, G; IHSANE, T. **Specific is not definite**. 2001. Disponível em: http://www.unige.ch/letters/lingel/syntaxe/journal/2/3.pdf>. Acesso em: 10/12/2017.

RADFORD, Andrew. Minimalist Syntax. NY: Cambridge University Press, 2004.